

XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



EXTENSÃO-COMUNICAÇÃO: DA CONCEPÇÃO À PRÁTICA COMPROMISSADA COM A EDUCAÇÃO BÁSICA

Morgana Pereira da Costa

Hosana Hoelz Ploia

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 03 - Educação em espaços não-escolares, justiça socioambiental
e movimentos sociais

Esta escrita é resultado de uma ação de extensão universitária com a Educação Básica, fruto da disciplina Pesquisa e Educação Básica, do Curso de Doutorado em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul. Apresenta como fundamentos teórico-epistemológicos as concepções de diálogo, comunicação e conscientização para a transformação social. Nesse sentido, assume-se uma proposta de extensão-comunicação com a Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC).

Logo, a construção das relações de extensão-comunicação baseou-se em contribuir com a continuidade dos processos de ação-reflexão próprios da EFASC, assim, selecionou-se a relação entre comida e agroecologia, pois esta temática vincula-se aos interesses e demandas da escola. Diante disso, este resumo objetiva sistematizar uma proposta de extensão-comunicação realizada na Pedagogia da Alternância.

Nesse sentido, a extensão-comunicação pode estabelecer um caminho de partilha real entre a universidade e a Educação Básica. Importante ressaltar que a universidade, enquanto instituição, é constituída por uma tríade entre ensino, pesquisa e extensão. Estas três dimensões da relação com o conhecimento, através do campo acadêmico, representam uma indissociabilidade inerente entre socialização (ensino), produção (pesquisa) e ação (extensão) do/com o conhecimento.

Entendida como dinâmica, tal tríade movimenta “um pensamento que não se pauta pelo paradigma da fragmentação e da exclusão que separa realidades inseparáveis, mas pelo paradigma da ligação e da inclusão”, direcionado à uma “conectividade dialógica” (Moraes, 2011, p. 09). Desse modo, uma universidade democrática não pode prescindir de relações orgânicas com a Educação Básica, uma vez que a função social da educação perpassa ambos os espaços-tempos de formação.

Torna-se pertinente a análise do significado da palavra *extensão*: enquanto verbo, significa *estender algo a alguém*. Neste caso, tem-se o sujeito possuidor do objeto ou conteúdo da extensão e o “sujeito recebedor”. Nesse sentido, a extensão, como ação, assemelha-se ao verbo transferir, simultaneamente tendo por objetivo a substituição de um conhecimento ou forma de conhecer por outro, considerado superior. Nesta abordagem verticalizada, quem recebe a extensão é

desconstituído como sujeito e tornado objeto, pois lhe é negado o direito de conhecer, que “[...] é tarefa de sujeitos, não de objetos” (Freire, 1983, p. 16).

Com base nestas considerações, admite-se uma concepção de extensão-comunicação comprometida com as relações de co-labor-ação entre todos os sujeitos nela envolvidos para a transformação social, diante da realidade concreta. Dessa maneira, manifesta-se o sentido da comunicação, ou comum ação. Na perspectiva de uma comunicação dialógica, “a tarefa da extensão é dialogar dentro e fora da universidade” (Menezes; Síveres, 2011, p. 59).

Perante isto, buscou-se promover o diálogo sobre a relação entre comida e agroecologia junto aos/às jovens estudantes da EFASC, para a continuidade do processo de conscientização da produção advinda da agricultura familiar. No horizonte da educação libertadora, na qual a EFASC se fundamenta, “uma de suas preocupações básicas [...] deve ser o aprofundamento da tomada de consciência que se opera nos homens (sic) enquanto agem, enquanto trabalham” (Freire, 1983, p. 52). De forma semelhante, Menezes e Síveres (2011, p. 57) afirmam que “trabalhar para o desenvolvimento de uma consciência na educação exige um compromisso com a realidade”. Assim sendo, compreende-se a inseparabilidade do processo de conscientização com o contexto educativo dos sujeitos implicados na extensão-comunicação. Para tal, a metodologia baseou-se no movimento da ação com o conhecimento a partir de círculos dialógicos que dialogam com a temática “comida e agroecologia”.

A alimentação, ou a produção de comidas para consumo, é uma criação tanto subjetiva quanto material essencial para a existência humana. A partir deste princípio, infere-se a compreensão de comida como cultura, ou seja, “[...] para que o alimento se torne comida, ele deve, via de regra, sofrer um processo de transformação qualitativo, realizando a passagem do plano da natureza para o da cultura, mediado pela via da culinária” (Woortmann, 2013, p. 14).

Para Mello e Santos (2022), a provisão para atender as necessidades humanas, através da intervenção humana na natureza, pode ser considerado o primeiro ato histórico da história da humanidade. Dessa maneira, o humano manifesta-se através da alimentação. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que: a) comida é trabalho, ou seja, só é possível a partir da ação humana; e b) comida é mediação de comunicação, uma vez que, através dela, cria-se possibilidades de diálogo entre pessoas.

Tal experiência comunitária está imbricada de saberes e fazeres relacionados à alimentação, registrados ou não, mas que circulam e são transformados pelas maneiras de ensinar e aprender próprias da vida. Deste modo, não há como relacionar comida e agroecologia sem compreender que os saberes que as unem são “[...] atrelados à prática social” (Mello; Santos, 2022, p. 105).

Sob este aspecto, a agroecologia se constitui contrária aos modos de produção alimentar e de reprodução da vida que não estejam em sintonia com os bens comuns, tendo em vista que

apresenta a potencialidade para fazer florescer novos estilos de agricultura e processos de desenvolvimento rural sustentáveis que garantam a máxima preservação ambiental, respeitando princípios éticos de solidariedade sincrônica e diacrônica (Caporal; Costabeber, 2004, p. 19).

A compreensão desta dinâmica possibilita uma visão crítica quanto às interações no âmbito dos sistemas agroalimentares (Petersen, 2013), que integram os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à avaliação dos efeitos da modernização do sistema de produção profundamente enraizado na monocultura. Nesse sentido, a agroecologia contribui para a construção de estilos de agricultura de base ecológica e para a elaboração de estratégias de desenvolvimento rural, tendo como referência os ideais da sustentabilidade numa perspectiva multidimensional de longo prazo (Caporal; Costabeber, 2004).

Com base nisso, relatamos a metodologia dos encontros realizados com a EFASC. Os sujeitos participantes do projeto de extensão-comunicação foram 150 jovens, estudantes das turmas de 1º a 3º ano do Ensino Médio e Técnico em Agropecuária, divididos em duas sessões do tempo-escola, o que representa o número de 75 estudantes por sessão. Durante os encontros, as autoras realizaram registros em seus diários de campo, os quais subsidiaram a continuidade da construção de conhecimento nas sessões posteriores.

A organização geral de cada encontro consistiu na prática de mística como momento mobilizador, seguido de diálogo sobre o tema. Como estimulantes da participação dialógica dos sujeitos participantes, foram propostas perguntas geradoras que possibilitassem a reflexão sobre a realidade dos/as estudantes quanto à produção alimentar e sua relação com a agroecologia. Nesse sentido, elaborou-se as seguintes questões: 1) O que tem na mesa de vocês? 2) O que vocês gostam de comer? 3) Dos alimentos que vocês gostam de comer, algum deles vocês plantam/cultivam/manejam na Área Experimental? 4) Qual a importância da agroecologia para a produção de alimentos? E, 5) Qual o gosto de comer o que se planta?

Estas perguntas permitiram codificar diversos temas gerados a partir da macro temática “Comida e Agroecologia”. Os principais foram: trabalho, sustentabilidade, nutrientes, autonomia e respeito à natureza. Dessa forma, percebeu-se que os círculos dialógicos permitiram desde a reflexão sobre os modos de vida dos sujeitos participantes e suas comunidades, até o diálogo de saberes. Como forma de sistematização dos encontros, em cada atividade foram produzidos materiais visuais pelos/as estudantes, de maneira a aliar a criatividade e expressividade deles/as com a socialização do conhecimento coletivamente produzido.

A partir desta atividade, foi possível compreender, na prática, o sentido coletivo da produção de comidas, além da dialética subjetividade-materialidade e produção-reprodução. A concreticidade da alimentação e da agroecologia, desse modo, necessita de muitas pessoas, dentro e fora da cozinha, até ao campo.

Considerando o círculo como princípio dialógico, a reflexão e a transformação da realidade pode ser mediada pela alimentação e o modo de existência entre humanos e com a natureza - neste caso, a agroecologia se manifesta não somente como alternativa de produção alimentar, mas também como uma alternativa pedagógica, epistemologicamente centrada no diálogo de saberes socialmente produzidos e reprodutivos.

Finaliza-se esta escrita na concepção do trabalho coletivo em Freire (2005), em que este é uma das características da ação dialógica, por isso, ocorre entre sujeitos que se encontram e, ainda

que tenham papéis e funções distintas de responsabilidades, confiam uns nos outros. Ao invés de extensão, o trabalho coletivo promove comunicação. Assim, reitera-se que uma ação do conhecimento, ou uma experiência de extensão, requer ética e politicamente uma opção pela comunicação, um espaço-tempo coletivo de construção e transformação do conhecimento desde a realidade, neste caso, proporcionada pela pedagogia da alternância.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão; Comunicação; Comida; Agroecologia; Pedagogia da Alternância.

REFERÊNCIAS

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **A agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER - IICA, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MELLO, Fábio Mansano de; SANTOS, Marisa Oliveira. Memórias sobre trabalho e educação em casas de farinha. In: ALVES, Ana Elizabeth Santos; TIRIBA, Lia. (Orgs.). **Cios da terra: sobre trabalho, cultura, produção de saberes e educação do campo**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2022.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; SÍVERES, Luiz. Nas fronteiras da indissociabilidade - a contribuição da extensão universitária. MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; SÍVERES, Luiz (Org.). **Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão das instituições comunitárias de ensino superior (ICES)**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011, p. 51-67.

MORAES, Maria Cândida. Prefácio. In: MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; SÍVERES, Luiz (Org.). **Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão das instituições comunitárias de ensino superior (ICES)**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011, p. 09-15.

PETERSEN, Paulo. Agroecologia e a superação do paradigma da modernização. In: NIEDERLE, Paulo André. ALMEIDA, Luciano. VEZZANI, Fabiane Machado (org.) **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós, 2013. 393 p.

WOORTMANN, Ellen F. A comida como linguagem. **Habitus**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 5-17, jan./jul. 2013.